

CONSCIÊNCIA E CRÍTICA DA LINGUAGEM: GRACILIANO RAMOS

Ismael Ângelo Cintra *

REV. LET/222

CINTRA, Ismael Ângelo — Consciência e crítica da linguagem: Graciliano Ramos. Rev. Let, São Paulo, 20:49-57, 1980.

RESUMO: Uma leitura atenta da ficção de Graciliano Ramos pode revelar uma forma aguda de refletir sobre o mundo através de uma reflexão anterior sobre a própria linguagem da literatura e da sociedade. É uma leitura desse teor que se pretende mostrar, apoiada na conhecida teoria das funções da linguagem de Jakobson. Num jogo constante entre as funções fática e metalingüística, Graciliano Ramos demonstra visível consciência dos problemas da linguagem, cujo tratamento moderno aponta uma postura bastante crítica (via linguagem) perante o homem e a vida.

UNITERMOS: Teoria literária; Literatura Brasileira; Graciliano Ramos; Linguagem; Romance; Caetés; Angústia; Vidas Secas; Lingüística; Metalinguagem; Função Fática.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a linguagem é *leitmotiv* na obra ficcional de Graciliano Ramos, enquanto objeto de referência constante nos seus vários romances e em diferentes níveis.

É preciso distinguir as duas perspectivas pelas quais se pode encarar a linguagem: o tratamento recebido por ela, melhor dizendo, o trabalho com a linguagem na sua criação literária, por um lado e, por outro, a utilização da linguagem como assunto e como objeto de reflexão. É este aspecto sobretudo que será focalizado neste trabalho, sem desmerecer a extraordinária importânc-

cia da realização do autor alagoano no âmbito lingüístico-literário.

O fato de considerar a linguagem como *leitmotiv* deve-se não só à reiteração da metalinguagem, mas também à variação dos aspectos da linguagem em sua obra abordados. Podemos isolar pelo menos quatro desses aspectos referidos: visão do papel social da linguagem, crítica ao discurso lingüístico, visão crítica da linguagem jornalística e, por último, o meta-romance, ou seja, o desnudamento da estruturação do romance. A rigor, apenas o último desses aspectos pode ser chamado de metalinguagem por tratar-se da busca exposta de um código romanesco através do em-

* Professor Assistente de Teoria da Literatura do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

prego desse mesmo código. Vale dizer: o código do romance acumula a um só tempo as funções de código e de referente de um questionamento crítico.

O corpus observado para o presente estudo se restringe à obra de ficção, mais precisamente aos romances *Caetés*, *Angústia* e *Vidas Secas* — além de algum relance sobre *São Bernardo* — de Graciliano Ramos.

2. VISÃO DO PAPEL SOCIAL DA LINGUAGEM.

A questão da linguagem e do pensamento, ou mais propriamente do papel social da linguagem, é ressaltada em *Vidas Secas*. Fabiano, o personagem principal, é dotado de uma linguagem minguada, rudimentar, quase primitiva:

"E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia... Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco." (Ramos 7, p. 22).

Apesar desses reduzidos recursos de expressão, o personagem tem consciência da importância da linguagem, tanto que chega a refletir sobre o seu papel social. Reflexão elementar, evidentemente, e que chega ao leitor sempre mediada pelo narrador através do discurso indireto livre. Fabiano observa as diferenças entre a sua fala e a linguagem urbana ("Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.") (Ramos 7, p. 22), por um lado e, por outro, as palavras de Tomás da Bolandeira ("Em horas de maluqueira, Fa-

biano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.") (Ramos 7, p. 25), personagem secundário cujo papel parece ser o de servir como ponto de referência não só para Fabiano, como para sua mulher (veja-se a questão da cama, por exemplo).

Nos seus tropeços no relacionamento social, sobretudo com a autoridade (o soldado, o patrão, o funcionário municipal), Fabiano comprova os prejuízos causados pela sua carência linguística, carência esta que o impede de desfazer o equívoco, sendo, portanto, a culpada pela sua prisão.

"Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? (...) As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelhos que espancam as criaturas inofensivas." (Ramos 7, p.40-41).

A linguagem é ainda responsabilizada pelos seus problemas tanto na conversa com o funcionário da prefeitura, quanto no acerto de contas com o patrão:

"... sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía longado. (...) Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso, esfolavam-no. (...) Muito bom uma criatura ser assim, ter recursos para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria naquele estado." (Ramos 7, p. 122-123).

A linguagem aparece, portanto, como um recurso de defesa e de libertação do homem que, sem ela, torna-se objeto de escravização da autoridade cujo instrumento de poder, paradoxalmente, é esta mesma linguagem escrita, representada nas contas do patrão, nos decretos do governo etc. É importante notar que na visão de Fabiano, a linguagem se configura como algo ambíguo, pois se a sua carência é causadora de problemas, o seu domínio não significa solução automática das dificuldades. É o caso de Tomás da Bolandeira, para quem o simples falar bem resulta inútil.

Aparentemente ingênua, esta visão de Fabiano não deixa de ter fundamento, pois se a linguagem não é, como ele pretende, a causa primordial de seus problemas, certamente o domínio de uma linguagem mais racional, mais cultural, é imprescindível para compreender a realidade, para compreender a si mesmo e ao mundo.

É como diz Fernando Alves Cristóvão: "A finalidade da reflexão conjunta do narrador e das personagens sobre a linguagem documenta a intenção do romancista de assinalar um dos momentos decisivos da evolução humana: a posse e utilização da linguagem como afirmação e construção da pessoa." (Cristóvão 2, P- 194).

3. A CRITICA AO DISCURSO LINGÜÍSTICO.

A linguagem tomada como referente de preocupações dos narradores João Valério e Luís da Silva — de *Cdetés* e *Angústia*, respectivamente — em manifestações explícitas e sucessivas, é sempre encarada num dos pólos da

oposição concebida por Fabiano. Como vimos, o personagem de *Vidas Secas* enxerga as diferenças que demarcam a distância entre a sua e a linguagem urbana. A primeira, rudimentar; a segunda, racional, culta. É desta segunda que se trata agora. A questão não é mais, portanto, de discutir o papel da linguagem enquanto instrumento de relação social ou arma de sobrevivência, mas de analisar e criticar a linguagem enquanto realização lingüística, enquanto discurso, tanto no nível coloquial (oral), como no culto (escrita jornalística ou literária).

3.1. A QUESTÃO GRAMATICAL.

Quanto à linguagem escrita, nota-se sobretudo em relação à escrita jornalística, certo apego a questões gramaticais. É o que se pode ver na correção do texto de Isidoro Pinheiro (jornalista):

"Enquanto as senhoras escolhiam, aproximei-me de Isidoro, olhei a notícia que ele preparava: "Deu-nos o prazer da sua encantadora visita a senhorita Josefa Teixeira, dileta filha do abastado comerciante e nosso particular amigo Vitorino Teixeira, que nos encantou em deliciosa palestra com os sublimados dotes do seu espírito." O noticiarista levantou a pena e atirou-me ao ouvido:

— Este *sublimados* aqui não está mau, hem?

— Está ótimo. Está igual ao Camões. Mas como você fez, parece que a conversa foi com o Vitorino.

— Ora essa! Realmente, exclamou Isidoro desapontado. Desmanchar tudo!

— Não é preciso, sussurrou Padre Atanásio, que se acercara, lera o perío-

do. Deite um ponto no *Vitorino Teixeira*, corte o *que* e meta depois *A visitante*. Pronto. *A visitante* sem vírgula, é melhor sem vírgula.

Louvei sinceramente a inteligência de Padre Atanásio e aconselhei também.

— Acho bom suprimir o *encantou*, que já há uma *encantadora* atrás. *Ponha cattivou*, fica esplêndido. E a *senhorita*, para não rimar com visita. Escreva D. Josefa Teixeira, como nós chamamos. Deixe a *senhorita* para a outra." (Ramos 5, p.68)

Ou ainda na irritação perante os erros e pastéis encontrados no artigo do Dr. Gouveia (Ramos 6, p.8) ou os solecismos "horríveis" na carta do Deputado (Ramos 6, p.35). Nem mesmo o livro sobre os caetés escapa à crítica ("Li a última tira. Prosa chata, imensamente chata, com erros." (Ramos 5, p. 21). É preciso, no entanto, considerar que esta intolerância aos erros gramaticais é relativizada por uma visão mais condescendente do fenômeno gramatical, sobretudo quando relacionado ao conteúdo. Veja-se o diálogo entre Isidoro e Nazaré:

"— Exagero, opinou Isidoro. O artigo está bom, o autor conhece gramática.

— Quem se importa com a gramática? O fabricante daquela xaropada é um idiota." (Ramos 5, p.70)

Neste caso, a opinião do personagem equívale à do narrador. E esta posição a respeito da gramática é de certa forma reiterada pelo próprio narrador:

"Vou quase todas noites à redação da *Semana*. Não para escrever, é claro, julgo inconveniente escrever. Limito-me

a dar, quando é necessário, algum conselho ao Pinheiro. Há uns verbos que ele estraga, uns pronomes que atrapalha. Escoregaduras sem importância: na *Semana* de qualquer maneira que estejam estão bem." (Ramos 5, p.212)

Essa dupla postura perante as questões gramaticais fica clara na reação ambígua de Luís da Silva ao letreiro da revolução, apontada nos dois segmentos abaixo:

"*Proletários, uni-vos.* Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche. Que importavam a vírgula e o traço? O conselho estava dado sem eles, claro, numa letra que aumentava e diminuía."

"Aquela maneira de escrever comendo os sinais indignou-me. *Não dispenso as vírgulas e os traços.* Quereriam fazer uma revolução sem vírgulas e traços?" (Ramos 6, p.157)

3.2. A QUESTÃO DO ESTILO

Além deste aspecto gramatical, encontram-se, tanto em *Caetés* quanto em *Angústia*, repetidas referências a questões de estilo, tais como o emprego do adjetivo, por exemplo. Veja-se a referência ao artigo escrito por Evaristo Barroca:

"Desdobrei as tiras e li burrices consideráveis em honra do Mesquita, recheadas de adjetivos fofos." (Ramos 5, p. 27)

Ou ainda, os fragmentos abaixo, a autocritica metalingüística do narrador-personagem João Valério, candidato a autor do livro sobre os índios, em que se percebe pelas suas preferências estilísticas, certo pendor retórico admitido a princípio, para ser, em seguida, negado:

"Eu tinha confiado naquele naufrágio, idealizara um grande naufrágio cheio de adjetivos enérgicos, e por fim me aparecia um pequenino naufrágio inexpressivo, um naufrágio reles." (Ramos 5, p.45)

"Admiração exagerada às coisas brilhantes, ao período sonoro, às miçangas literárias, o que me induz a pendurar no que escrevo adjetivos de enfeite, que depois risco . . ." (Ramos 5, p.216)

Esta preocupação com usos estilísticos, entretanto, não se restringe à escrita; ocorre também com relação ao discurso oral de personagens. É o caso, por exemplo, de Júlio Tavares em *Angústia*: "Linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamento nenhum." (Ramos 6, p.42 — grifei). Ou então: "Tanta empáfia, tanta *lorota*, tanto adjetivo besta." (Ramos 6, p.183 — grifei).

A tônica parece ser a verificação de que a quantidade de adjetivos não confere significado maior ao discurso que pelo contrário, resulta vazio. Um discurso desta ordem, carente de conteúdo, levava-nos a questionar o seu papel na comunicação. Pois se o discurso é o fator básico do ato de comunicação, um discurso vazio só pode gerar uma comunicação também vazia.

É importante notar a freqüência com que aparece no diálogo, sobretudo em *Caetés*, este tipo de discurso que não chega a efetivar a comunicação a não ser no nível da aparência, mantendo-se emissor e receptor apenas em contato. Ou seja: os personagens apenas exercitam o ritual do contato social. Neste sentido é que se repete nas falas do sr. Ramalho a expressão "eu lheuento": "Ora eu lheuento. Mas não contou nada. Costuma deixar frases em meio" (Ramos 6, p.

51). Pode-se perceber pela conclusão do narrador — "falava para dar prazer a si mesmo, não me escutava." (Ramos 6, p.103) — a sua consciência a respeito desta forma de comunicação, à qual Jakobson atribui uma função fática. (Jakobson 3, p. 126-127).

Em *Caetés*, neste mesmo sentido, pode-se observar esta linguagem fática tanto na "estéril" terminologia científica do Dr. Liberato, quando no palavreado desconexo de Padre Atanásio. Eis um exemplo deste último:

"— Tudo isso está muito bem, mas, digam lá o que disserem, a caridade é a caridade, e ninguém me tira disto. Os senhores não ignoram que o Evangelho. • . Perfeitamente, o Evangelho, e por que não? O Evangelho! Uma revista que li... Afinal a revista não influi no caso. Mas veja a história da mulher adultera, Seu Miranda. Veja a cena em casa de Simão, o fariseu. Veja o bom samaritano." (Ramos 5, p. 71)

3.3. A LINGUAGEM FÁTICA DOS PERSONAGENS E SUA CARACTERIZAÇÃO

Além esta linguagem fática que o leitor percebe na observação dos diálogos, é importante notar o papel ocupado pela linguagem nos momentos em que o personagem é *descrito* pelo narrador. Ou seja: a linguagem como instrumento de caracterização de personagem. Restringiremos nossas observações a dois personagens — Evaristo e Julião, de *Caetés* e *Angústia*, respectivamente — que são caracterizados a partir de seus próprios hábitos lingüísticos.

Sobre o primeiro, não há propriamente descrição física. Há apenas indicações sobre o seu discurso escrito ou oral:

"Improvisa discursos com abundância de chavões sonoros, . . . e impinge às senhoras expressões amanteigadas que elas recebem com deleite." (Ramos 5, p.28)

"Esta cá a Barroca, temos falação na mesa, que aquele diabo nasceu para discursador." (Ramos 5, p.77)

"Asseverava, *sempre asseverava*, que F. Mesquita, como particular, era um cidadão de conduta irreprochável." (Ramos 5, p.78)

"E ouvia, *nauseado*, a dissertação do Barroca.. ." (Ramos 5, p. 79-80)

"Palanfrório reles e postiço, de dar engulhos. Era a reprodução quase literal de um dos períodos enfumados em honra do Mesquita." (Ramos 5, p. 80)

Evaristo iniciou um palavreado sonoro, em que de novo encaixou a sã política filha da moral e da razão, mas a frase repetida não produziu efeito." (Ramos 5, p. 81)

Com respeito ao segundo, Julião Tavares, encontra-se uma referência que adiciona a descrição lingüística à física: "era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor." (Ramos 6, p. 42). No mais predomina sempre a caracterização a partir da linguagem:

"Linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamentos nenhum." (Ramos 6, p.42)

"Como falavam alto, percebi claramente as palavras de Julião Tavares. Não tinham sentido. Como o discurso do Instituto Histórico." (Ramos 6, p. 47)

"A loquacidade de J.T. aborrecia-me. Uma voz líquida e oleosa que escoria sem parar." (Ramos 6, p.72)

"Falava alto, atirava cumprimentos aos conhecidos e era amável em excesso, mas a amabilidade traduzia-se em palavras vãs. O que me aborrecia era saber que essas palavras eram aceitas: tinham tido significação antigamente e continuavam a circular." (Ramos 6, p. 172)

Pode-se notar no último fragmento em especial, a consciência do narrador com relação aos vocábulos fáticos que, em função do uso, perderam sua carga original de significação. O confessado aborrecimento do narrador perante o emprego deste tipo de palavra pode ser, por extensão, visto como sinal da irritação que lhe causa a linguagem fática dos personagens, especialmente dos dois aqui alinhados.

Na verdade, a caracterização dos personagens não é nem um pouco isenta, pelo contrário, é comprometida pela visão empenhada que a condição de personagem lhe dá. Ou seja: os personagens descritos representam na história papéis de oposição ao personagem narrador, sujeito da descrição, sobretudo por se tratar de figuras vitoriosas na sociedade. Julião Tavares, além de seu rival, representa o tipo humano que Luís da Silva detesta e, neste sentido, guarda em relação a Evaristo certo parentesco.

Repetindo as palavrás de Antônio Cândido, "A misantropia deságua em repulsa enojada, ou agressiva indiferença, pelos homens do Instituto Histórico, os ricaços, os altos funcionários, os literatos. E tudo converge para Julião Tavares "patriota e versejador", caricatura do tipo que lhe desagrada e intimida — desde a capacidade de comunicação fácil até a ligação entre literatura e arrivismo. A sua morte, como bem viu Laura Austregésilo, é a vingança sobre os aspectos humanos que mais o repelem, e,

convém notar, já se esboçavam no Evaristo Barroca de Caetés." (Cândido 1, p.35)

A descrição do personagem é, portanto, crítica. Mas é através de uma crítica à linguagem do personagem que, metonimicamente, se constrói a visão crítica do personagem como um todo-

4. VISÃO CRITICA DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA

A linguagem jornalística é freqüentemente objeto de considerações em *Caetés* e *Angústia*, romances em que os narradores são, como personagens, jornalistas. E como jornalistas manifestam uma visão crítica aguda, não só da linguagem propriamente, mas também do papel profissional do jornalista na sociedade capitalista. Cabe também lembrar que em ambos a atividade jornalística não satisfaz plenamente e, além disso, sobretudo em *Angústia*, destrói de certa forma a desejada atividade como escritor.

Eis alguns fragmentos em que se pode perceber a manifesta consciência crítica do narrador Luís da Silva:

".. posso, com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto." (Ramos 6, P-43)

"É o que sei fazer, alinhavar adjetivos, doces ou amargos, em conformidade com a encomenda." (Ramos 6, p.44)

"Esforçava-me por me dedicar às minhas ocupações cacetes: escrever elogios ao governo, ler romances e arranjar uma opinião sobre eles." (Ramos 6, p. 84-85)

"Escreverei mais uma coluna que já escrevi centenas de vezes e reproduzo sempre, substituindo as palavras" (Ramos 6, p. 113)

"Eles escrevem assim porque recebem ordem para escrever assim. Depois escreverão de outra forma." (Ramos 6, p.150)

"— Escreva um artigo a respeito de salário, Seu Luís. Bocejo e sapeco uma literatura ordinária constrangido" (Ramos 6, p.151)

5. A METALINGUAGEM OU O META-ROMANCE

Paralelamente ao desenrolar das ações que constituem a narrativa, é comum encontrar na obra ficcional de G. Ramos o desenvolvimento de uma outra fábula: a do nascimento de um romance. O romance conta, portanto, a história da sua criação, dissimulada, na trama dos acontecimentos.

Como principal exemplo deste tipo de procedimento pode-se citar *São Bernardo*, cujo enredo focaliza a história de uma fazenda, a história de um personagem e, concomitantemente, a história completa de sua auto-geração. Descreve sua elaboração, as hesitações, as possibilidades de escolha e rejeição, na tentativa de conciliar as exigências da verdade e as regras do código ficcional.

Da concepção até quase o nascimento é narrada em *Caetés* a geração de um romance; o personagem central e narrador, João Valério, está empenhado na escritura de um livro sobre os índios caetés. E entremeados à narração das peripécias que o envolvem juntamente com os demais personagens, aparecem referências às dificuldades enfrentadas pelo jornalista e candidato a escritor. Dentre estas destacamos, nos fragmentos abaixo, a descrição de pormenores das ações e o processo de criação de personagens:

"Desviando-me de pormenores comprometedores, construí uma cerca de troncos, enterrei aqui e ali camucins com esqueletos, espetei em estacas um número razoável de caveiras e, prudentemente dei a descrição por encerrada. Julgo que não me afastei muito da verdade." (Ramos 5, p.42)

"Dei pedaços de Adrião Teixeira ao pajé: o beiço caído, a perna claudicante, os olhos embaçados; para completá-lo, emprestei-lhe as orelhas de Padre Atanásio." (Ramos 5, p.43)

"De mais a mais a dificuldade era grande, as idéias minguadas recalcitravam, agora que eu ia tentar descrever a impressão produzida no rude espírito da minha gente pelo galeão de D. Pero Sardinha." (Ramos 5, p.44)

Já em *Angústia* são bem menos numerosas e, além disso, menos claras as referências a um livro possível. Não é absurdo pensar que o livro projetado seja o próprio romance que o leitor tem em mãos. ("Talvez o mamoeiro, as roseiras, o monte de lixo me passavam despercebidos e se os menciono, é que escrevendo estas notas, revejo-os daqui." (Ramos 6, p.37-38). Pelo menos é o que parece indicar o anafórico "estas" cuja presença funciona como uma espécie de conversor metalingüístico. Ou seja: aponta o romance *Angústia* como o produto final do que fora antes, repetidas vezes, aludido como plano:

"Faria um livro na prisão. Amarelo, papudo, faria um grande livro, que seria traduzido e circularia em muitos países.

Escrevê-lo-ia a lápis, em papel de embrulho, nas margens de jornais velhos." (Ramos 6, p.202)

Dentre as considerações propriamente metalingüísticas, destacam-se as que dizem respeito à construção de personagem (Veja-se o confronto entre o personagem real e o imaginário D. Albertina (Ramos 6, p. 161-162 e 165) e à memória do narrador ("Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo." (Ramos 6, p.102)

6. CONCLUSÃO

E assim, o código romanesco é de várias maneiras problematizado na ficção de Graciliano Ramos, numa crescente investigação metalingüística que representa a crise da perda da confiança na linguagem (código e instrumento da literatura). Mas que representa também uma marca de modernidade.

Lembrando Octavio Paz, "La poesía moderna es inseparable de la crítica del lenguaje que, a su vez, es la forma más radical y virulenta de la crítica de la realidad" (Paz 4, p.5)

Daí a importância desta postura extremamente moderna de Graciliano Ramos, que reflete sobre a sociedade, sobre o mundo, através de uma reflexão anterior sobre a linguagem da sociedade e a da própria literatura.